



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
PEDAGOGIA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

LÉLIA ADRIANA DAHER CAVALCANTE

PLANO DE AULA
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES

BRASÍLIA

2007

LÉLIA ADRIANA DAHER CAVALCANTE

**PLANO DE AULA
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia - Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental, da Faculdade de Ciências da Educação - FACE, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como parte das exigências para a conclusão do curso.

Orientação: Professora Doutora Maria Eleusa Montenegro

BRASÍLIA

2007

AGRADECIMENTOS

A Deus por me oferecer esta oportunidade educativa;

Ao Agostinho, meu marido, pelo companheirismo nas horas difíceis;

A minha família, pelo apoio incondicional;

Ao UniCEUB e à coordenação do curso pela acolhida;

À professora orientadora pelas críticas e sugestões;

Aos professores e professoras, por compartilharem anos de estudos.

Muito obrigada!

"Ensinar" é um ato de alegria, um ofício que deve ser exercido com paixão e arte. É como a vida de um palhaço que entra no picadeiro todos os dias com a missão renovada de divertir. Ensinar é fazer aquele momento único e especial. Ridendo dicere severum: rindo, dizer coisas sérias. Mostrando que esta, na verdade é a forma mais eficaz e verdadeira de transmitir conhecimento.

Rubem Alves (2002, p. 42)

RESUMO

O enfoque prioritário à importância do plano de aula deve-se ao fato de que, muitos professores, atualmente, sentem dificuldade em planejar suas aulas, tendo em vista a falta de tempo e de suporte pedagógico. Entretanto, mesmo com todas as dificuldades, acredita-se na possibilidade de introduzir mudanças, fazendo com que o plano de aula ganhe novo significado na vida da escola, dos alunos e dos professores. O presente trabalho tem como objetivo apresentar estudo teórico e análise de questionário aplicado a algumas professoras do ensino fundamental sobre a prática do plano de aula, como um instrumento político-pedagógico e estratégia de organização coletiva dos professores diante das políticas educacionais. A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho baseou-se na pesquisa qualitativa com a utilização de um roteiro de entrevista como instrumento. Os participantes desta pesquisa foram cinco professoras que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede particular de ensino situada na Asa Norte – Plano Piloto – Brasília – Distrito Federal. As categorias escolhidas para este trabalho foram: a elaboração do plano de ensino; a importância da realização do plano de aula; realização do plano de aula (individualmente ou de forma coletiva); diagnóstico das necessidades dos alunos para a realização do plano de aula; o plano de aula como um roteiro; dificuldades na elaboração do plano de aula; e avaliação do plano de aula. Os principais resultados alcançados nesta pesquisa foram: necessidade de elaboração do plano de aula coletivamente; o planejamento docente melhora o aprendizado; plano de aula coerente com a realidade do aluno; flexibilidade do plano de aula; traçar metas e identificar problemas; e avaliação do fazer pedagógico. Planejar é dar sentido à ação, é questionar sobre a importância das práticas pedagógicas. Através do planejamento é possível encontrar caminhos para a efetivação dos princípios pedagógicos assumidos. O plano de aula é a mediação entre aquilo que pensamos teoricamente ser a educação e o ensino, e a realidade concreta.

Palavras-chave:

Plano de aula. Planejamento de ensino. Planejamento pedagógico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
1.1 JUSTIFICATIVA.....	08
1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	09
1.3 OBJETIVOS.....	09
1.3.1 Objetivo Geral.....	09
1.3.2 Objetivos Específicos.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO EDUCACIONAL.....	11
2.2 PLANEJAMENTO: CONCEITOS E PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM ESTA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	12
2.2.1 Planejamento Tradicional.....	13
2.2.2 Planejamento Instrumental.....	14
2.2.3 Planejamento Participativo.....	14
2.3 PLANEJAMENTO EDUCACIONAL.....	15
2.3.1 Planejamento de Ensino.....	15
2.3.2 Planejamento Escolar.....	16
2.3.3 Planejamento Curricular.....	16
2.4 PLANEJAMENTO: SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES.....	16
2.4.1 Conceitos Básicos.....	16
2.5 PLANEJAMENTO DOCENTE: PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO DE AULA.....	18
2.5.1 Plano de aula: uma necessidade educativa.....	18
2.5.2 Planejamento e plano de aula.....	21
3 METODOLOGIA	23
3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	23
3.2 CENÁRIO DA PESQUISA	23
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	23
3.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	24
3.5 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	24
3.6 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	24

3.6.1	Categorias Escolhidas.....	24
3.6.2	Organização, análise e discussão dos dados.....	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....	38

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, o plano de aula vem sofrendo um desgaste, culminando num estado de descrédito e total burocratização desta atividade, gerando uma situação na qual os professores fingem que planejam e os gestores de ensino fazem de conta que o planejamento ocorreu.

A consequência mais dramática dessa situação é a entrada dos professores, em sala de aula, sem terem as condições necessárias para planejar, pelo menos, as primeiras aulas do primeiro bimestre letivo, sem contar, se se acrescentar a isto, as dúvidas relacionadas ao trabalho pedagógico em ciclos, anos, progressão continuada, trabalho com sala ambiente, avaliação e, mais: acertar e organizar a carga horária e a distribuição das aulas.

Diante disso, o presente trabalho desenvolveu, em seu referencial teórico, conceitos e princípios que orientam a concepção de um planejamento e de um plano de aula como um processo individual/coletivo. Abordou, também, a importância do professor, assim como a de cada um dos demais membros da equipe escolar, com a clareza da função da sua área de conhecimento e do seu papel individual na construção permanente do planejamento e do plano de aula, durante todos os dias do ano letivo.

O plano de aula, concebido desta forma, pode gradativamente introduzir mudanças, mudanças essas que envolvem a reflexão sobre sua importância. Para isso, o embasamento teórico foi realizado a partir de autores como Vasconcellos, Libâneo, Luckesi e outros.

Para a realização deste trabalho, foi utilizado um questionário com o objetivo de entender qual tem sido a sistemática do plano de aula vivenciada no dia-a-dia escolar, bem como: quais avanços e problemas se identificam; quais são as expectativas dos professores em relação ao seu trabalho docente e o que é necessário para a modificação de seu planejamento pedagógico. Pretendeu avaliar a atuação docente na escola em sua necessidade de se ter clareza nas metas que se quer atingir.

O plano de aula é o caminho para se combater as atividades desarticuladas e casuístas, caminhando na construção de práticas educativas sintonizadas com as atuais necessidades dos alunos e da sociedade. Portanto, tomar o plano de aula

como referência, é condição essencial para que ele ganhe vida no cotidiano escolar e constitua-se em eixo articulador da prática docente.

1.1 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho buscou elucidar algumas dúvidas existentes, acerca da elaboração e execução do plano de aula.

Atualmente, a comunicação e a instrução fazem-se constantes na vida dos professores. Entretanto, o que se nota é uma estagnação na forma de atuação de alguns profissionais de educação, principalmente no tocante à elaboração do plano de aula.

Nota-se que, apesar de todo o conhecimento divulgado, há certo desconforto por parte de um número determinado de professores que acreditam ser o plano de aula mera formalidade, utilizando-o para apresentação diante da gestão, da coordenação e de pais que participam da vida escolar de seus filhos. Professores que levam em conta sua experiência docente, para determinar sua atuação em sala de aula, não sentem a necessidade de planejar. Seguem um roteiro de aula, que muitas vezes é reaproveitado de anos anteriores ou, o que é pior, elaboram seu planejamento às pressas ou dentro de sala de aula.

Em contrapartida, outros profissionais preocupam-se em elaborar planos para que os alunos possam obter um conhecimento de maior significação, levando-se em conta as particularidades e distinções de sua turma.

Percebe-se, portanto, que a elaboração do plano de aula acontece entre os educadores, para alguns como uma necessidade e para outros como um ato sem validade ou utilidade prática. A ação de planejar constitui acima de tudo um roteiro a ser seguido e, para definir o melhor caminho, é necessário o conhecimento do que é planejamento escolar, suas diversidades, peculiaridades e finalidades.

Diante disso, este trabalho investigou o plano de aula e suas implicações para um ensino eficiente, o que deveria se constituir em num momento privilegiado para a reflexão coletiva sobre as ações educacionais e de integração da equipe de trabalho.

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

E inconcebível qualquer ação humana, por menor que ela seja, sem que haja o estabelecimento de metas e ações a serem executadas. A educação, como uma das mais importantes ações da humanidade, não poderia se furtar de um planejamento consciente, visando uma melhor atuação docente e um aprendizado significativo. Porém, nota-se, entre alguns professores, certo comodismo no trato com a seriedade na educação. Uma delas é quanto ao ato de planejar as aulas, estabelecer competências e traçar habilidades com as quais se deseja proporcionar a transmissão do conhecimento. Diante disso, o interesse desta acadêmica pelo tema, deveu-se não só pelo que ele tem de importância, como também pela busca por maiores conhecimentos para sua formação profissional.

As indagações selecionadas e as tentativas de respostas pretendem prestar uma contribuição no sentido da reflexão sobre a problemática do ensino-aprendizagem como um todo e, em especial, sobre os problemas e desafios diante do plano de aula.

Sabe-se da insatisfação de muitos educadores quanto ao plano de aula, por isso, uma questão necessita ser colocada: por que muitos professores percebem a necessidade de planejar, no entanto sentem grande dificuldade em elaborar seu plano de aula, enquanto outros aproveitam planejamentos anteriores e até mesmo não acreditam no planejamento como forma de realizar um ensino-aprendizagem significativo. Isto seria uma ponta do problema? Como superá-lo? Diante do exposto será que os professores realizam o plano de aula por acreditarem na transformação de ultrapassadas concepções e práticas docentes ou o fazem por mera formalidade?

1.3 OBJETIVOS

13.1. Objetivo Geral

- Investigar através de pesquisa bibliográfica e de campo o que vem a ser e a importância do plano de aula buscando oferecer subsídios aos profissionais da educação.

1.3.2. Objetivos Específicos

- Conceituar planejamento docente, bem como tipos, características e a sua valorização na prática do cotidiano escolar;
- Estabelecer as condições necessárias para o aperfeiçoamento dos fatores que influem diretamente sobre a eficiência na elaboração de um plano de aula;
- Compreender conceitos de planejamento e plano de aula, entendendo a prática de ensino como uma ação política assumindo uma postura crítica sobre a realização de um ensino-aprendizagem de qualidade;
- Verificar como vem sendo elaborado o plano de aula na prática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

É fundamental aos professores terem consciência da via de mão dupla que é a educação: compreenderem os processos vividos e se apropriarem dos saberes que foram se desenvolvendo ao longo da vida para, procurar ampliar suas bases teóricas e conceituais, pois é nesse percurso que se constroem as identidades.

Nóvoa (1992, p. 1) quanto a esse respeito:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. A construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional. É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças.

Por isso, é prioritário o enfoque escolar quanto ao momento de planejar, pois só assim, o professor estará construindo uma educação de qualidade. É a partir desse quadro real que se torna possível identificar e construir os elementos comuns, capazes de assegurar a base coletiva para o trabalho pedagógico.

O ato de planejar deve permear as ações humanas, desde as mais simples até as mais complexas. Ele é parte integrante do futuro e é utilizado em todos os setores da economia, sociedade, política, cultura, bem como nas áreas administrativa e educacional.

A educação consiste no ensinamento e aprendizagem de conhecimentos, crenças, competências, hábitos, valores, os quais são denominados como “conteúdo” e por meio do qual se chega à cultura. A educação compreende um processo de constante renovação, sendo neste contexto, encaixado o papel do planejamento como um recurso de organização.

O planejamento educacional visa delinear a filosofia da educação do País, acentuando os valores da pessoa e da escola na sociedade. Propõe também, a aplicação da análise sistemática e racional ao processo de desenvolvimento da educação, de forma que a torne mais eficiente para atender aos anseios e objetivos da sociedade.

Por ser a escola uma organização social voltada para diversos elementos que interagem e se influenciam mutuamente, o professor como “executor” nesta organização é de fundamental importância, no sentido de concepção e planejamento, para o desenvolvimento de atividades que engrandecem a escola e auxiliem no crescimento dos alunos.

O professor não pode se preocupar apenas com a rotina em sala de aula. Ele deve ter a competência para tomar decisões, organizar e planejar suas ações diante do corpo discente.

Diante disso, conceituar planejamento, plano de aula e suas implicações no cotidiano escolar foi prioridade nesta pesquisa.

2.2 PLANEJAMENTO: CONCEITOS E PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM ESTA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Educar é uma atividade humana tão antiga quanto à própria história. Desde que o homem deixou a sua condição de nômade e dedicou-se a uma atividade permanente, passou, também, a desenvolver o trabalho de educador, e simultaneamente, deu-se início à atividade de planejar.

Verifica-se também que a sua sistematização esteve ligada ao mercado de produção, principalmente durante a Revolução Industrial. Frederick Taylor (apud VASCONCELLOS, 1995, p. 27) abriu-se caminho para a separação entre as tarefas de planejar e as de executar, onde deixou estabelecido que o poder de decidir e de controlar competia aos especialistas e não ao próprio executor, ficando assim caracterizado o planejamento tecnocrático.

No século XX houve um grande avanço do planejamento em todos os setores da sociedade, deixando de fazer parte apenas da organização interna de uma empresa. Segundo Vasconcellos (1995, p. 27), “existem no contexto atual, três grandes linhas de planejamento: a gestão da qualidade total, o planejamento estratégico e o planejamento participativo”. Tais planejamentos segundo esse autor serão descritos a seguir:

A gestão da qualidade total implica numa forma diferente de ver a empresa em relação ao resto da sociedade, onde é necessário manter um equilíbrio e uma troca de contribuições e recompensas. É um sistema pelo qual todas as pessoas de uma organização, de todos os níveis ou setores se empenham vigorosamente nas

atividades de controle da qualidade por toda a organização, através de métodos e técnicas específicas.

O planejamento estratégico inclui atividades que envolvem a definição da missão da organização, o estabelecimento de seus objetivos e o desenvolvimento de estratégias que possibilitem o sucesso das operações no seu ambiente. Assim, o planejamento estratégico envolve: decisões tomadas pela alta administração, apropriação de muitos recursos, um impacto significativo em longo prazo e a interação da organização com o ambiente externo.

O planejamento participativo, como a própria denominação já esclarece, envolve a participação de todas as pessoas para solucionar problemas comuns nos setores das atividades humanas e sociais. É o processo de organização do trabalho coletivo da unidade escolar.

Essas linhas de planejamento acima citadas também atingem a organização escolar, vindo a criar três concepções para o planejamento escolar. São eles: o planejamento tradicional, o planejamento instrumental e o planejamento participativo.

Assim, antes de explicar cada um deles, vale ressaltar que o planejamento, ao longo dos anos, embasa a elaboração, o desenvolvimento e a avaliação de planos de ensino e o preparo de aulas. Traduz-se numa atitude de vivência crítica permanente diante do trabalho pedagógico, possibilitando ao conjunto da equipe de profissionais da escola conhecer, se apropriar e participar da construção do projeto educacional em desenvolvimento.

2.2.1 Planejamento Tradicional

Como princípio prático, o planejamento era feito sem o critério de formalização, cabendo ao professor a competência de desenvolver apenas as tarefas em sala de aula. Desta forma, os planos eram feitos com base nos apontamentos registrados em cadernos, folhas e fichas, a partir de leituras preparatórias para as aulas, sendo que “o ‘planejamento’ pedagógico do professor no sentido tradicional, a rigor, não era bem planejado; era muito mais o estabelecido de um ‘roteiro’, que se aplicaria fosse qual fosse a realidade” (VASCONCELLOS, 1995, p. 28).

2.2.2 Planejamento Instrumental

Está relacionado com a tendência tecnicista de educação, ou seja, o planejamento surgiu para solucionar problemas, como a falta de produtividade da educação. Assim, era dada ênfase ao aspecto formal, havendo uma tendência à ação planificadora, pois os professores eram obrigados a preencher planilhas. “Planejar passou a significar preencher formulários com objetivos educacionais gerais, objetivos instrucionais operacionalizados, conteúdos programáticos, estratégias de ensino, avaliação de acordo com objetivos, etc.”, é o que afirma Vasconcellos (1995, p. 30).

2.2.3 Planejamento Participativo

Esta foi a nova forma encontrada por educadores que se preocupavam com o planejamento da educação, ou seja, foram buscar a construção, a participação, o diálogo, o poder coletivo local, a formação de consciência crítica, a partir da reflexão sobre a prática da mudança (VASCONCELLOS, 1995, p. 31).

O planejamento participativo surgiu para romper com a prática dos planejamentos funcional e normativo, inserindo o professor e a escola no contexto social, o que, para Vasconcellos (1995, p. 31), ficou entendido como “um instrumento de intervenção no real para transformá-lo na direção de uma sociedade mais justa e solidária”. Assim, aponta para a gestão participativa e democrática da educação, como superação do modelo tecnocrático, reunindo educadores, representantes dos segmentos organizados da sociedade civil, para pensar o desenvolvimento educacional como um todo e seus segmentos.

O planejamento participativo constitui um processo político, um contínuo propósito coletivo e uma deliberada e amplamente discutida construção do futuro da comunidade, na qual haja a participação do maior número possível de membros de todas as categorias que a constituem. Significa, portanto, mais do que uma atividade técnica, sendo um processo político à decisão da maioria, tomada por esta em benefício próprio.

Para Cornely (1980, p. 30), sobre esse assunto:

No potencial humano, propõe que o povo seja encarado como sujeito da história, como ator e não como mero expectador e aceita que o

desenvolvimento não é um pacote de benefícios dados à população necessitada, mas um processo através do qual a população adquire maior domínio sobre seu próprio destino.

Mendoza, Guillén, Marcuse, entre outros, acusam de abertamente imoral o processo de planejamento tecnocrático que, sob o pretexto da neutralidade, livra o povo das decisões, evocando-as ao técnico (CORNELLY, 1980, p. 30). Na visão destes pensadores, o planejamento tecnocrático reduz os homens à condição de objetos e não a sujeitos de ação planejadora, acentuando a ruptura entre o saber e o poder e fortalecendo o poder dos técnicos em detrimento dos demais.

2.3 PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Padilha (2001, p. 63) elucida a função de planejar no âmbito educacional, como sendo:

[...] uma atividade que está dentro da educação, visto que esta tem como características básicas: evitar a improvisação, prever o futuro, estabelecer caminhos que possam nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação.

Nélio Parra em sua obra “Planejamento de currículo” (1972, p. 6) citado por Sant’anna et al (1995, p. 14) define planejamento educacional como:

É o processo contínuo que se preocupa com o ‘para onde ir’ e ‘quais as maneiras adequadas para chegar lá’, tendo em vista a situação presente e possibilidades futuras, para que o desenvolvimento da educação atenda tanto às necessidades do desenvolvimento da sociedade, quanto à do indivíduo.

É o processo de abordagem racional e científica dos problemas da educação, incluindo definição de prioridades e levando em conta a relação entre os diversos níveis do contexto educacional. (PARRA, 1972)

2.3.1 Planejamento de Ensino

Planejamento de Ensino é o processo de decisão sobre atuação concreta dos professores, no cotidiano de seu trabalho pedagógico, envolvendo as ações e situações, em constantes interações entre professor e alunos e entre os próprios alunos (PADILHA, 2001, p. 33). Na opinião de Sant’anna (1995, p. 19), esse nível de planejamento trata do “processo de tomada de decisões bem informadas que visem

à racionalização das atividades do professor e do aluno, na situação de ensino-aprendizagem”.

É o desenvolvimento basicamente a partir da ação do mestre, ficando a cargo deste a definição dos objetivos a serem alcançados.

2.3.2 Planejamento Escolar

É o planejamento global da escola, envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. Nas palavras de Libâneo (1992, p. 221) “é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

2.3.3 Planejamento Curricular

Segundo Vasconcellos (1995, p. 56), o “processo de tomada de decisões sobre a dinâmica da ação escolar. É previsão sistemática e ordenada de toda a vida escolar do aluno”. Portanto, essa modalidade de planejar constitui um instrumento que orienta a ação educativa na escola, pois a preocupação é com a proposta geral das experiências de aprendizagem que a escola deve oferecer ao estudante, através dos diversos componentes curriculares.

2.4 PLANEJAMENTO: SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES

2.4.1 Conceitos Básicos

Na vasta gama de conceitos citados por importantes autores, tais como Libâneo (1992), Padilha (2001), Sant’anna (1995), Vasconcellos (1995) etc., foram escolhidos e listados alguns considerados mais abrangentes.

Num sentido mais amplo, o planejamento pode ser conceituado como:

[...] um processo que visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e com quem se planeja (PADILHA, 2001, p. 63).

Diante do estabelecimento dos fins e dos meios, o planejamento ainda busca o equilíbrio entre eles, conforme afirma Padilha (2001, p. 30) no conceito abaixo:

Planejamento é o processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando o melhor funcionamento de empresas, instituições, setores de trabalho, organizações grupais e outras atividades humanas. O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações.

Fica claro que o planejamento requer o estabelecimento de objetivos e metas, bem como a melhor maneira para alcançá-los.

De acordo com Vasconcellos (1995, p. 80), o “planejamento é o processo contínuo e dinâmico de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento. O planejamento enquanto processo é permanente”. Baseado nesse conceito, o planejamento caracteriza-se numa busca incessante pelo aprimoramento das atividades dentro de uma organização.

É o processo que consiste em preparar um conjunto de decisões, tendo em vista agir, posteriormente para atingir determinados objetivos. Uma tomada de decisões entre possíveis alternativas, visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente e econômica (SANT’ANNA et al, 1995, p. 13-14).

Fica aqui evidenciada a importância do processo de planejar como alicerce que resguarda as funções de organizar, liderar e controlar, tornando-se uma função fundamental para o professor e o gestor escolar.

É importante destacar que as idéias que envolvem o planejamento são amplamente discutidas nos dias atuais, mas um dos complicadores para o exercício da prática de planejar parece ser a compreensão de conceitos e o uso adequado dos mesmos. Assim sendo, o objetivo deste texto é procurar explicitar o significado básico de planejamento, visando dar espaço para que o leitor possa estabelecer as relações entre eles, a partir de experiências pessoais e profissionais. Cabe ressaltar que não se pretende abordar todos os níveis de planejamento, mesmo porque, como aponta Gandin (2001, p. 83), “no cotidiano sempre ocorrem situações que necessitam de planejamento, mas nem sempre as atividades diárias são delineadas em etapas concretas da ação, uma vez que já pertencem ao contexto de uma rotina”. Entretanto, para a realização de atividades que não estão inseridas

diariamente, é preciso usar os processos racionais para alcançar os objetivos pretendidos.

Dessa forma, conceituar planejamento constitui-se num momento privilegiado para a reflexão coletiva sobre as ações educacionais e de integração da equipe de trabalho. É dessa forma, que se pode traçar metas para a atuação da escola e para cada um dos professores, quanto à formação de seus alunos, e à transformação da realidade escolar.

2.5 PLANEJAMENTO DOCENTE: PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO DE AULA

O planejamento docente é um alicerce que resguarda as funções de organizar, liderar e controlar, tornando-se um instrumento fundamental para o professor elaborar e planejar seu dia-a-dia escolar através do plano de aulas. (PADILHA, 2001)

Segundo Padilha (2001), sabe-se que, mesmo para um professor experiente, é impossível entrar em classe sem antes planejar a aula. É por isso que os profissionais que entendem bastante de didática insistem na idéia de planejamento como algo que requer horário, discussão, esquematização e certa formalidade. Agindo-se, assim, tem-se uma garantia de que as aulas vão ganhar qualidade e eficiência.

Tecnicamente, plano de aula é a previsão dos conteúdos e atividades de uma ou de várias aulas que compõem uma unidade de estudo. Ele trata também de assuntos aparentemente miúdos, como a apresentação da tarefa e o material que precisa estar à mão. (VASCONCELLOS, 1995)

2.5.1 Plano de aula: uma necessidade educativa

É importante destacar que as idéias que envolvem o planejamento são amplamente discutidas nos dias atuais, mas um dos complicadores para o exercício da prática de planejar parece ser a compreensão de conceitos e o uso adequado dos mesmos na hora de elaborar o plano de aula.

De acordo com Libâneo (1994, p. 24), “plano é um documento utilizado para o registro de decisões do tipo: o que se pensa fazer, como fazer, quando fazer, com

que fazer, com quem fazer”. Para existir plano é necessária a discussão sobre fins e objetivos, culminando com a definição dos mesmos, pois somente desse modo é que se pode responder às questões indicadas acima.

Para Ferreira (apud PADILHA, 2001, p. 36), o plano é a "apresentação sistematizada e justificada das decisões tomadas relativas à ação a realizar". Plano tem a conotação de produto do planejamento.

De acordo com Fusari (apud PADILHA, 2001, p. 37), “plano é um guia e tem a função de orientar a prática, partindo da própria prática e, portanto, não pode ser um documento rígido e absoluto”. Ele é a formalização dos diferentes momentos do processo de planejar que, por sua vez, envolve desafios e contradições.

Segundo Libâneo (1992, p. 225), sobre o Plano Escolar, ele afirma que é:

É o documento mais global; expressa orientações gerais que sintetizam, de um lado, as ligações da escola com o sistema escolar mais amplo e, de outro, as ligações do projeto pedagógico da escola com os planos de ensino propriamente ditos.

O plano de aula se articula com o planejamento - a definição do que vai ser ensinado num determinado período, de que modo isso ocorrerá e como será a avaliação. O planejamento, por sua vez, se baseia na proposta pedagógica, que determina a atuação da escola na comunidade: linha educacional, objetivos gerais etc.

Dessa forma, o plano de aula encontra-se na “ponta” de uma seqüência de trabalhos. Esse encadeamento torna possível uma prática coerente e homogênea, além de bem fundamentada, uma vez que o plano de aula deve ter bem definidos o tema, os objetivos e a avaliação.

Assim, para Libâneo (1994), antes de partir para o plano de aula, é preciso dividir em etapas o planejamento de um determinado período (bimestre ou quadrimestre, por exemplo). Com uma idéia do todo, fica mais fácil preparar o plano conforme o tempo disponível. Não há modelos certos ou errados. Os planos de aula variam segundo as prioridades do planejamento, os objetivos do professor e a resposta dos estudantes. Mesmo assim, é possível indicar os itens que provavelmente constarão de um plano de aula proveitoso.

Um dos primeiros tópicos da lista deve ser o próprio assunto a ser tratado. Logo em seguida, vêm os objetivos da atividade e que conteúdos serão desenvolvidos para alcançá-los. As possíveis intervenções do professor (como

perguntas a fazer), o material que será utilizado e o tempo previsto para cada etapa são outros itens básicos. (LIBÂNEO, 1994).

Finalmente, é preciso verificar a eficiência da atividade. A única forma de fazer isso é avaliar o aluno. O critério de avaliação também é flexível.

Assim, segundo Libâneo (1994) planejar possibilita mais experiência para antecipar o que pode acontecer. Com base nisso, o professor se prepara para os possíveis caminhos que a atividade vai tomar. Não é desejável prever cada minuto da aula. Os planos vão se construindo a cada etapa, dependendo do que foi percebido na etapa anterior. Se o plano de aula não prevê tempo e espaço para os alunos se manifestarem, a possibilidade de indisciplina é grande - e de aprendizado problemático também.

Os alunos não são os únicos modificados pelo aprendizado (LIBÂNEO, 1994). Reservando um tempo depois da aula para refletir sobre o que foi feito, o professor tem a oportunidade de rever sua prática pedagógica. Se o trabalho for acompanhado por um orientador ou coordenador pedagógico, tem-se um dos melhores meios de formação em serviço. Portanto, o plano de aula é uma “bússola” para que o professor conduza da melhor forma seu dia-a-dia profissional.

Para Libâneo (1994, p. 20), a questão central de um plano de trabalho na área da educação cooperativa é

[...] a viabilização de um processo dinâmico de construção da inteligência coletiva, fundada no conhecimento, na reciclagem das aprendizagens e saberes particulares pela crítica interlocução de seus associados, embasada em princípios democráticos e práticas participativas.

Segundo Morin (apud FERRARI, 2005, p. 89), é necessário na atualidade ter um novo modelo de educação:

Hoje, é preciso inventar um novo modelo de educação, já que estamos numa época que favorece a oportunidade de disseminar um outro modelo de pensamento. Vejo que esse “outro modelo de pensamento” supõe uma nova modalidade comunicacional. Por isso, venho mostrar que o conceito de interatividade [...] pode significar reinvenção da sala de aula e da escola, em conformidade com o novo espectador e na perspectiva da educação que se presta à valorização da vida e do futuro menos ameaçado.

Para Freire (1997, p. 45), sobre esse aspecto, “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

Assim, em relação à postura crítica, que vai em sentido contrário à burocratização e aos modelos sistêmicos, “o plano de aula não pode ser encarado

como ação puramente formal, mas como uma ação viva e decisiva, pois é um ato político decisório”, como bem afirma Luckesi (1990, p. 89).

Finalizando a exposição quanto a planejamento e plano de aula, fica claro que, geralmente, há dificuldades no âmbito escolar, com a distinção entre plano e planejamento, como forma de esclarecimento dos termos aqui usados. Por planejamento entende-se o processo de reflexão, racionalização, organização e coordenação da ação docente, que visa articular a atividade escolar e a problemática do contexto social. Já o plano é o produto, que pode ser explicitado na forma de registro, de documento ou não.

2.5.2 Planejamento e plano de aula

A didática, através de diferentes autores faz distinção entre os tipos e/ou níveis de planejamento. Por planejamento do sistema de educação, ou educacional, entende-se aquele que se refere às grandes políticas educacionais, em nível nacional, estadual e municipal.

O planejamento da escola, ou seja, o projeto educativo (político-pedagógico) da instituição, ou planejamento curricular, segundo Sacristán (apud LUCKESI, 1998, p. 45), “tem a função de ir formando progressivamente o currículo em diferentes etapas, fases, ou através das instâncias que o decidem e moldam”.

Finalizando, o planejamento de ensino (objeto de estudo deste trabalho), denominado de ensino-aprendizagem por Vasconcellos (1995), ou por planejamento escolar, para Libâneo (1994), é o objeto mais próximo, da prática do professor e da sala de aula.

O planejamento de ensino é processual: envolve todas as decisões e ações do professor na interação com o contexto da comunidade escolar. Portanto, pode ser uma programação realizada pelo professor cotidianamente, constantemente avaliado como processo, e não somente em reuniões e períodos previamente estabelecidos para tal. É baseado na relação entre a teoria e a sua prática em um contexto determinado, que se objetiva na concretização dos princípios e objetivos já elaborados pela instituição escolar, existentes em seu projeto político-pedagógico. Nesse sentido, Freire (1997, p. 44) refletindo criticamente sobre a prática, enfatiza que, “o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática”.

Segundo Luckesi (1990, p. 67), ainda sobre um planejamento crítico:

As ações planejadas são fruto de reflexões críticas sobre o próprio trabalho docente, quando inserido em uma comunidade com características e necessidades próprias a serem atendidas de forma consciente e objetiva, assumindo em sua prática pedagógica o ato da educação em seu sentido mais pleno, como ato ou efeito de educar (-se), considerando o envolvimento e a participação dos alunos e professores na construção do fazer educativo e de seus processos.

Assim, dado que a escola não é uma “redoma de vidro” protegida e desvinculada do real, é preciso que o professor articule em seus planos de aula, as dimensões humana, técnica e política, como refletido por Candau (1989), para a obtenção da eficácia no ato de ensinar-aprender, tendo em vista aprendizagens significativas.

A prática pedagógica, então, não se entende neutra, mas ideologicamente definida pelo professor que faz, segundo Luckesi (1994), opções teóricas na sua área de conhecimento; opções filosófico-políticas – pela repressão ou libertação, por uma teoria do conhecimento; pela reprodução ou construção do conhecimento; pelos fundamentos específicos da sua prática; pelos meios de processá-la em sintonia com as escolhas anteriores que, por sua vez, se articulam com suas concepções de mundo, de ser humano, de educação, de escola, propiciando a construção crítica do que fazer e do como fazer.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A presente pesquisa foi realizada mediante estudo teórico e aplicação de questionário com base na abordagem qualitativa em uma escola privada do Distrito Federal que atende da educação infantil à segunda etapa do ensino fundamental, com o propósito de verificar a elaboração e utilização do plano de aula como prática pedagógica diária.

Partiu-se para uma pesquisa qualitativa, por entender que este tipo de pesquisa é exploratória, ou seja, estimula os questionados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Segundo Lüdke (1986, p. 78):

Pesquisa qualitativa é o estudo de temas no seu cenário natural, buscando interpretá-los em termos do seu significado assumido pelos indivíduos; para isso, usa uma abordagem holística, que preserva a complexidade do comportamento humano.

As pesquisas qualitativas fazem emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. São usadas na busca de percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. (LÜDKE, 1986).

Por isso, partiu-se para os questionamentos, compreendendo que desta forma, pode-se apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados.

3.2 CENÁRIO DA PESQUISA

O questionário foi aplicado a professoras de 1ª a 4ª séries, em uma escola privada do Plano Piloto em Brasília - Distrito Federal, que atende da Educação Infantil à segunda etapa do Ensino Fundamental.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos desta investigação foram cinco professoras de Ensino Fundamental, atuantes em sala de aula por mais de três anos.

3.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Este trabalho foi desenvolvido no período de agosto de 2006 a junho de 2007, tendo como suporte teórico, o estudo bibliográfico em vários autores.

Em agosto de 2006 foi escolhido o tema e iniciou-se a elaboração do projeto de monografia.

No período compreendido entre agosto de 2006 a abril de 2007 foi elaborada a fundamentação teórica.

Os instrumentos de pesquisas foram elaborados e aplicados no mês de abril de 2007.

A organização, a análise e a discussão dos dados foram realizadas em maio de 2007.

As considerações finais, a redação da Monografia, bem como a apresentação oral ocorreram no mês de junho de 2007.

3.5 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foi um questionário semi-estruturado (Vide Apêndice), respondido por professoras com o objetivo de desvelar o significado do plano de aula na atuação de docente.

O objetivo do questionário é mensurar e permitir hipóteses, já que os resultados são mais concretos e, conseqüentemente, menos passíveis de erros de interpretação, permitindo traçar um histórico da informação. (LÜDKE, 1986).

Vale ressaltar que, ainda para Lüdke (1986), o questionário, quando bem estruturado, com perguntas claras e objetivas, dá a oportunidade de garantir a uniformidade de entendimento dos participantes e conseqüentemente a padronização dos resultados.

3.6 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.6.1 Categorias Escolhidas

As Categorias escolhidas para análise e discussão neste trabalho foram:

- A elaboração do plano de ensino

- A importância da realização do plano de aula
- Realização do plano de aula (individualmente ou de forma coletiva)
- Diagnóstico das necessidades dos alunos para a realização do plano de aula
- O plano de aula como um roteiro
- Dificuldades na elaboração do plano de aula
- Avaliação do plano de aula

3.6.2 Organização, análise e discussão dos dados

Foram questionadas cinco professoras, sendo todas licenciadas em Pedagogia, e atuantes em uma escola do sistema privado de educação em Brasília – Distrito Federal, sobre a organização do seu trabalho quanto à realização dos planos de aula.

Os dados foram organizados, analisados e discutidos conforme descrição a seguir.

- A elaboração do plano de ensino

Professor 1: “Geralmente uma semana antes de cada aula e em casa”.

Professor 2: “O plano de ensino ocorre sempre no início do ano na escola. Mas nos últimos 2 anos tenho feito em casa sozinha. O que às vezes traz algumas dificuldades, pois é realizado individualmente. Acredito que o plano de ensino deve ser elaborado com coordenação e professor”.

Professor 3: “Na maioria das vezes em casa, pois no horário de coordenação da escola não dá tempo”.

Professor 4: “O meu plano de ensino é elaborado de 15 em 15 dias. Na maioria das vezes eu elaboro o plano na minha casa”.

Professor 5: “Em casa a noite”.

O discurso dos participantes reproduz a importância do plano de ensino, focalizando a necessidade de ser formulado coletivamente, condição imprescindível para o equilíbrio entre teoria e prática e sobre o papel da escola na formação de

cidadãos ativos e participantes da vida social. Como bem diz Libâneo (1992, p. 123), “planejamento é um fazer coletivo para derivar dos objetivos amplos aqueles que correspondem às tarefas de transformação social, no âmbito do trabalho pedagógico concreto nas escolas e nas salas de aula.”

Assim, a afirmação das professoras quanto à realização de seus planos de ensino sozinhas, não quer dizer que estão relacionando isso a uma opção consciente e crítica, mas a uma falta de opção, o que as coloca frente a um sentimento de impotência quanto ao presente e uma acomodação quanto ao futuro.

- A importância da realização do plano de aula

Professor 1: “Considero bastante importante.”

Professor 2: “Sim, pois há uma organização antes de fazê-lo. Sempre vejo quais conteúdos serão trabalhados na semana e procuro pesquisar sobre os mesmos. Dessa feita, a aula tem como ser mais criativa e prazerosa para os alunos e o professor, porque tem um roteiro a seguir que foi planejado com interesse pelo professor para seu aluno.”

Professor 3: “Sim, planejar é importante.”

Professor 4: “Sim, considero muito importante, apesar de que na maioria das vezes ele tem que ser flexível.”

Professor 5: “Sim, servindo como norteador para realização do trabalho.”

O sentido implícito nas afirmações, de que é importante realizar o plano de aula, dá uma visão ampla sobre o desempenho do profissional comprometido com sua prática pedagógica. O professor que sente essa importância estabelece critérios indispensáveis ao sucesso do seu. Nas palavras de Ferrari (2005, p. 28), “uma previsão bem-feita do que será realizado em classe melhora muito o aprendizado dos alunos e aprimora a prática pedagógica do professor [...] planejar dá mais experiência para antecipar o que pode acontecer”.

- Realização do plano de aula (individualmente ou de forma coletiva)

Professor 1: “Geralmente realizo sozinha.”

Professor 2: “Eu realizo em casa sozinha, embora tenha momentos de coordenação para fazê-lo. Mas, como o momento de coordenação não é o suficiente para realizá-lo, faço em casa, pois tenho tempo para planejar sempre uma aula mais criativa e bem fundamentada, porque há um momento de pesquisa também antes de passar algo para o aluno.”

Professor 3: “Sozinha, pois os horários não coincidem com outras professoras do mesmo seguimento. A coordenadora muitas vezes está ocupada e não nos auxilia.”

Professor 4: “Na hora de planejar, na maioria das vezes, eu realizo sozinha.”

Professor 5: “Sozinha, pois os horários de coordenação são diferentes para cada um dos professores.”

As respostas acima colocam o professor numa posição desconfortável, pois mesmo estando ciente da importância de um trabalho coletivo, coordenado e eficiente, o mesmo não é realizado, seja por falta de tempo do professor, seja por falta de tempo do coordenador.

De acordo com Chauí (1995, p. 89):

O trabalho alienado é aquele no qual o produtor não pode reconhecer-se no produto de seu trabalho, porque as condições desse trabalho, suas finalidades reais e seu valor não dependem do próprio trabalhador, mas do proprietário das condições do trabalho. Como se não bastasse, o fato de que o produtor não se reconheça no seu próprio produto, não o veja como resultado de seu trabalho, faz com que o produto surja como um poder que o domina e o ameaça.

Em outras palavras, o ser humano prático, ativo, que acredita que é pela ação que modifica o meio ambiente que o cerca, não pode ficar estagnado no contexto das mudanças educacionais que emergem por um trabalho coletivo.

Segundo Luckesi (1994), a ação humana exercida coletivamente sobre a natureza, possibilita ao ser humano compreender e descobrir o seu próprio modo de agir. "A ação prática sobre a realidade desperta e desenvolve o entendimento, a capacidade de compreensão e a emergência de níveis de abstração mais complexos", é o que afirma Luckesi (1994, p. 78).

Paulo Freire (1997, 78) associa o conceito de ação ao conceito de compromisso. Segundo ele:

Compromisso é decisão lúcida e profunda do homem em usar sua capacidade de agir e refletir para se inserir criticamente no mundo numa atitude objetiva de compreensão da realidade, de luta para transpor os limites impostos pelo mundo, e atuando sobre ele, transformá-lo. Essa

inserção crítica produz efeitos no exercício profissional que contribuem para o bem estar coletivo.

Dessa forma, cabe ao professor estabelecer ações para que a ação coletiva de planejar seja, de fato, priorizada pela escola e seus coordenadores na elaboração de seus planos de aulas. Deve-se ir além, isto é, começar a cultivar o desejo, a motivação, a vontade de inovar-se e de atualizar-se. A mudança sempre é de dentro para fora e nunca ao contrário.

Outra questão que chama a atenção é a individualização dos professores em suas rotinas pedagógicas. Muitos deles preferem elaborar os planos de aula em casa, como se suas disciplinas fossem algo incompatível com as outras áreas do conhecimento. É importante incentivar as reuniões na Escola para discussão dos conteúdos programáticos de todos os professores, procurando passar para eles a idéia de interdisciplinaridade que promoverá a unidade escolar.

Os professores devem, portanto, dar preferência a utilizar as ferramentas existentes na unidade escolar em que atuam, podendo, assim, explorar de forma mais dinâmica o ambiente de trabalho e todos os recursos disponíveis na escola para preparação de suas aulas; procurando, também, envolver na realização desta tarefa os colegas de trabalho, os coordenadores pedagógicos e a direção da escola; esta interação tende a ser muito salutar para o desenvolvimento intelectual-humano e cognitivo dos alunos que perceberão os efeitos desta integração nos conteúdos programáticos.

- Diagnóstico das necessidades dos alunos para a realização do plano de aula

Professor 1: “Sim, dentro do conteúdo, tento buscar a melhor forma de suprir a necessidade da turma.”

Professor 2: “Sim, porque as turmas que trabalho são pequenas e é possível dar uma assistência maior aos alunos.”

Professor 3: “Quase nunca pois temos que seguir o plano anual de conteúdos e o conteúdo programático bimestral. Só podemos auxiliar nas dificuldades, diagnóstico prévio não.”

Professor 4: “Sim, sempre procuro planejar em cima das necessidades dos alunos”.

Professor 5: “Às vezes, a necessidade de cumprir prazos e conteúdos muitas vezes não nos permite.”

Este é o discurso autoritário repetido pelo sistema educacional tradicional, no qual o professor não ouve as reais necessidades de seus alunos. Esse comportamento, reproduzido freqüentemente nas práticas educativas, impede a liberdade do sujeito de participar, criticar sua própria atuação e a do outro, cobrar melhor desempenho de ambos e construir mudanças que viabilizem uma sociedade onde haja oportunidade de crescimento para todos os homens.

É preciso muito mais que competência técnica, qualidade profissional e capacidade competitiva para aprender e ensinar sempre. De acordo com Ferrari (2005, p. 12), “são necessárias também novas configurações das estruturas cognitivo-intelectuais, sociais, profissionais, tecnológicas e comunicacionais para a inserção de conteúdos de acordo com as reais necessidades dos alunos”, sendo, portanto, responsabilidade dos professores a preparação de seus planos de aulas ou o processo interativo ensino-aprendizagem (professor-coordenação-aluno), como um todo.

E é aí que a participação ativa de uma gestão democrática comprometida com a qualidade das atividades que desenvolve (ou deveria desenvolver) no espaço de sala de aula assume importância fundamental. Ferrari (2005, p. 13) salienta que, educadores, professores e coordenadores que acreditam no plano de aula como ferramenta eficiente, contam agora com evidências concretas para mostrar que a “realização deste, uma vez coerente com a realidade do aluno pode fazer a diferença na educação de crianças e jovens”.

- O plano de aula como um roteiro

Professor 1: “É um roteiro que me auxilia bastante.”

Professor 2: “O plano de aula é um roteiro que me ajuda em sala de aula e me faz buscar também conhecimentos diários para passar ao meu aluno.”

Professor 3: “Eu o faço semanalmente, mas é um roteiro eu não o sigo religiosamente, pois a aula é muito imprevisível para não ser alterada. Às vezes ele é formalidade, pois nós fazemos plano anual, e ainda tem o plano de aula diário.”

Professor 4: “O plano de aula é um roteiro que ajuda o professor a localizar-se no conteúdo que tem que ser abordado em sala de aula.”

Professor 5: “Quando está integrado ao conteúdo de forma aplicável em sala, passando da teoria para a prática ele serve como apoio, mas quando fica na teoria (papel) vira apenas formalidade.”

Os planos de aulas são realizados de modo a dar ao professor um roteiro. Entretanto, este roteiro não precisa ser seguido “ao pé-da-letra”. O professor deve ter liberdade para fazer adaptações em seu plano de aula, tendo em vista, atender às condições do grupo e, às vezes à disponibilidade de materiais.

De acordo com Libâneo (1994, p. 78), “o plano de aula é função necessária da prática pedagógica, portanto, ele não poderia faltar, já que uma aprendizagem efetiva é a concretização de um plano bem estruturado e corretamente aplicado”.

Ao planejar suas aulas, o professor evita a improvisação, e permite que se atinjam os objetivos explícitos em seu plano de aula. Desta forma, o plano de aula é concebido como um roteiro de atividades que serão desenvolvidas durante a aula, previamente elaborado, de acordo com um programa para cada ciclo ou faixa etária.

Para Vasconcellos (1995, p. 89), sobre este aspecto:

Um plano deve ser flexível, isto é, permitir algumas alterações de acordo com a variação do interesse dos alunos e, conseqüentemente, da sua motivação, sem maiores prejuízos para a aprendizagem.

Entretanto, o mais importante é que este plano/roteiro reflita sobre uma organização coerente, descrevendo, o mais clara e objetivamente possível às técnicas, os recursos, os materiais a serem utilizados, para o alcance do objetivo, por ordem de aplicação.

- Dificuldades na elaboração do plano de aula

Professor 1: “A minha maior dificuldade é conseguir tempo para elaborá-lo.”

Professor 2: “Como faço em casa, às vezes falta criatividade. Se fosse feito em conjunto com outras pessoas da comunidade escolar trocando experiências, acredito que seria diferente.”

Professor 3: “Falta um apoio pedagógico maior da coordenação, uma quantidade expressiva de livros didáticos, integração entre os professores e um diagnóstico prévio antes do plano de aula ser elaborado.”

Professor 4: “A maior dificuldade seria um pouco de apoio por conta da coordenação, que na maioria das vezes encontra-se muito ocupada com outros afazeres.”

Professor 5: “Recursos didáticos disponíveis.”

Os dados acima revelam participantes conscientes de que seu desempenho profissional seria melhor se a escola reconhecesse suas dificuldades, seu valor e seu trabalho. As dificuldades encontradas pelos professores não podem ser vencidas individualmente, mas dependem de outras pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem para serem sanadas.

Quando a equipe pedagógica ajuda o professor, no momento de planejar, ela está garantindo espaço para que o conjunto dos professores apresente-se (no sentido profundo do termo) como pessoas e como profissionais, identificando suas concepções e seus objetivos.

De acordo com Libâneo (1994, p. 79), “é a partir desse quadro real que se torna possível identificar e construir os elementos comuns, capazes de assegurar a base coletiva para o trabalho pedagógico”.

- Avaliação do plano de aula

Professor 1: “Sempre acho que está precisando melhorar.”

Professor 2: “O meu plano de aula é bom, embora sempre esteja tentando melhorá-lo a cada dia. Às vezes falta criatividade diante de certas disciplinas como: História e Geografia, mas procuro sempre enriquecê-lo.”

Professor 3: “Eu daria nota 7,0 ao meu plano de aula, pois não é confeccionado devido às necessidades reais dos alunos. Eu sigo as determinações da coordenação e cumpro os prazos, mas não fico satisfeita plenamente com o resultado final.”

Professor 4: “Eu o avalio como muito bom, apesar de ser feito só por mim.”

Professor 5: “Regular.”

Segundo Luckesi (1998, p. 69), a avaliação é um “juízo de qualidade sobre dados relevantes da sociedade tendo em vista uma tomada de decisão; como um ato amoroso, no sentido de acolhedor, integrativo e inclusivo”. Ou seja, a avaliação deve ser um processo que favoreça o crescimento e a autonomia de quem é avaliado. Deve-se avaliar a ação docente, não como algo mecânico, mas refletido.

O reconhecimento de um trabalho nem sempre coerente com a prática deve ser fonte de virtude, ou seja, parte do processo de ensino/aprendizagem. Avaliar, em termos de ação docente, deve ter por função qualificar o fazer pedagógico do professor, podendo se auxiliar num processo de motivação.

Ao avaliar seu fazer pedagógico, o professor deve exigir-se, pois, isso é um comprometimento político, entendendo-se o ensinar como criar condições para que o aluno aprenda.

Para tanto, o educador que estiver afeito em dar um novo encaminhamento para sua prática deverá estar preocupado em redefinir ou em definir propriamente os rumos de sua ação pedagógica, pois ela não é neutra, como todos nós sabemos. Ela se insere num contexto maior e está a serviço dele. Então, o primeiro passo que nos parece fundamental para redirecionar os caminhos da prática pedagógica é assumir um posicionamento pedagógico claro e explícito [...] que possa orientar diuturnamente a prática pedagógica, no planejamento, na execução e na avaliação (LUCKESI, 1998, p. 42).

Portanto, a partir da realidade delimitada, interessa-nos buscar conhecer o que pode explicar as práticas pedagógicas positivas, etapa pedagógica decisiva para o diagnóstico do processo de ensino/aprendizagem, pois assim como Luckesi (1998), acredita-se que cada passo da ação docente deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que se está fazendo e para onde possivelmente se esteja conduzindo os resultados de suas ações, estas racionalmente definidas dentro de um encaminhamento político-pedagógico.

Analisando as respostas das professoras de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental quanto ao plano de aula, percebeu-se que esta tem se caracterizado como uma ação necessária, porém, descomprometida por parte da escola enquanto suporte teórico-metodológico capaz de auxiliar o professor nessa prática. Segundo Luckesi (1994, p. 45):

Em geral, e a não ser numa minoria dos casos, parece que o senso comum é o seguinte: para ser professor no sistema de ensino escolar, basta tomar um certo conteúdo, preparar-se para apresentá-lo ou dirigir o seu estudo, ir para uma sala de aula, tomar conta de uma turma de alunos e efetivar o ritual da docência: apresentação de conteúdos, controle dos alunos,

avaliação da aprendizagem, disciplinamento, etc. Ou seja, a atividade de docência tornou-se uma rotina comum, sem que se pergunte se ela implica ou não decisões contínuas, constantes e precisas, a partir de um conhecimento adequado das implicações do processo educativo na sociedade.

Mediante isso, este trabalho questiona a importância do plano de aula, procurando esclarecer o papel do professor e sua real importância para a sociedade, pois é muito importante que o professor não faça de suas aulas um espaço apenas de transmissão de informações. As aulas devem favorecer a troca de informações, mas apenas isso não é suficiente para que a aprendizagem ocorra. É necessário, não apenas informar o aluno dos conteúdos, mas criar na sala de aula um espaço de convivência, onde as relações sócio-culturais dos alunos dêem suporte à prática escolar, conduzindo a escolha do conteúdo a ser aplicado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Planejar é dar sentido à ação, é questionar sobre a importância das práticas pedagógicas, do conteúdo ensinado, das exigências feitas ao aluno, do tipo de avaliação empregada, das atividades propostas. É perguntar-se: qual o significado de cada um desses elementos na formação do aluno?

É através do planejamento que é possível encontrar caminhos para a efetivação dos princípios pedagógicos assumidos. O plano de aula é a mediação entre aquilo que se pensa teoricamente ser a educação e o ensino, e a realidade concreta, como nos lembra Luckesi (1994, p. 168):

Para planejar torna-se necessário ter presentes todos os princípios pedagógicos a serem operacionalizados, de tal forma que sejam dimensionados para que se efetivem na realidade educativa.

Dessa forma, entender o planejamento como prática social, é entender as mudanças ocorridas na educação, concebendo o plano de aula como algo flexível, porque o ensino apresenta sempre situações que não se repetem. Está-se sempre lidando com a contingência, com o inesperado. Isso exige uma constante revisão, adaptação, contextualização do que foi previsto inicialmente. Planejar é, pois, uma atividade que percorre todo o processo, e não apenas realizada no início para não ser mais retomada.

Mediante o exposto, conclui-se que, o plano de aula, tendo como suporte um planejamento de ensino numa perspectiva crítica, mais do que uma previsão técnica de objetivos, conteúdo, metodologia e avaliação, implica numa tomada de posição sobre a educação e o ensino, para, a partir de então, organizar a ação no sentido pretendido. É uma forma de refletir sobre a ação docente, compreendê-la em seus determinantes, limites e possibilidades, para propor, com base nessa compreensão contextualizada, as possibilidades de construção de uma prática em constante mudança.

A atividade de elaborar um plano de aula, aplicar em sala atividades de ensino e, posteriormente, refletir sobre o processo, mostra um caminho que pode auxiliar os professores a ampliarem e melhorarem seu nível de conhecimento quanto ao ato de planejar, uma vez que grande parte dos licenciandos sai das universidades com deficiências nos próprios conteúdos que terá que ensinar,

conforme aponta Luckesi (1994), além de propiciar um repensar sobre sua prática pedagógica.

Deste modo, este trabalho é voltado para todos os professores, atuantes ou em formação, para que tenham maior compreensão sobre a necessidade de se planejar, num processo interativo, coletivo e que, principalmente, apontem caminhos para a reflexão sobre questões que envolvem o plano de aula.

Não é possível imaginar uma ação pedagógica sem planejamento, improvisada. O ato de planejar é intrínseco à educação (PADILHA, 2001). “O professor com claras idéias de seus objetivos e da sua responsabilidade para concretizá-los, deve planejar adequadamente suas tarefas” é o que afirma Padilha, (2001, p. 56). Ter clareza em relação ao processo de construção do planejamento, do plano de aula e dos meios para atingir os fins, da coerência com o projeto político-pedagógico, do contexto sócio-econômico-cultural-político e da participação coletiva nas tomadas de decisões.

Assim, ao considerar que o professor planeja sua ação docente, acrescenta-se a relevância do plano de aula ao fato de ser necessário à ação docente, e como tal ser merecedor de estudos e pesquisas que possibilitem não somente a reflexão sobre o tema, mas considera possibilidades de fazer planejamento diferentemente do modelo burocrático e sem sentido até bem pouco tempo elaborado. Esta nova concepção deve necessariamente afirmar a sua importância no cotidiano, no comprometimento do professor com a sua ação educativa crítica e reflexiva, e a concretização dos objetivos existentes nas propostas pedagógicas construídas pelas escolas (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO – LDB – Lei nº 9394/96, art. 12, parágrafo I).

Desta forma, espera-se que este trabalho contribua com o debate sobre questões da prática pedagógica dos professores em geral, as considerações realizadas foram no sentido de defender um posicionamento pessoal referente a um assunto que se considera como pertinente, porém negligenciado na produção científica da ação docente até este momento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental*: documento introdutório. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997 (Versão Preliminar).

CANDAU, Vera Maria (org.). *Didática em questão*. Petrópolis, Vozes, 1989.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 39. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995 (Coleção primeiros passos).

CORNELY, Seno A. *Ensaio de planejamento participativo*. Revista de Administração Municipal, Rio de Janeiro, v. 22, n. 131, p. 55-62, 1980.

_____. O que é ser educador hoje? *Da arte à ciência: a morte do educador*. In: BRANDÃO, C.R. *O Educador: vida e morte*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FERRARI, Márcio. *Plano de aula: uma bússola para dirigir bem seu dia - a - dia*. Nova Escola. O que da certo na escola para jovens e adultos. v. 20, n. 184. São Paulo: abr./ago. 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GANDIN, Danilo. *Planejamento como prática educativa*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *Escola e transformação social*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

HAYDT, Regina Cazaux. *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LDB - *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LEI No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *Tendências pedagógicas da prática escolar*. In: LUCKESI, C.C. *Filosofia da Educação*, São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *A avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação - Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, António. *Formação de professores e profissão docente*. In: NÓVOA, António (Org.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PADILHA, R.P. *Planejamento dialógico*, 2001.

PARRA, N. & Parra, I.C.C. *Técnicas Audiovisuais de Educação*. 5. ed., São Paulo: Pioneira, 1985.

PIAGET, Jean. *O Julgamento Moral da Criança*. Trad. Elzon Lenardon, São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1977.

SANT'ANNA, Flávia Maria et. al. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11. ed. Porto Alegre: Sagra / DC Luzzatto, 1995.

VASCONCELLOS, C.S. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projetos políticos pedagógicos*. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. A. *Repensando a Didática*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. (org.) *Técnicas de ensino: por que não?* Campinas: Papirus, 1996.

VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. Trad. NETO, José C. e outros, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
 FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
 CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS
 SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
 Entrevistadora: Lélia Adriana Daher Cavalcante
 Data: ____/____/2007

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O TEMA PLANO DE AULA CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES

Dados de identificação do professor

Faixa etária

20 – 29 ()

30 – 39 ()

40 – 49 ()

50 em diante ()

Sexo: _____

Formação: _____

Tempo de magistério: _____

Séries em que atua: _____

Questões

1) Quando e onde ocorre a elaboração do seu plano de ensino?

2) Você considera ser importante realizar o plano de aula?

3) Esse momento – DE PLANEJAR – você o realiza sozinho ou em contato com outros integrantes da comunidade escolar? Explique.

4) É feito um diagnóstico das necessidades dos alunos para realizar o plano de aula?

5) Para você, o plano de aula é um roteiro que o ajuda em sala ou uma formalidade para entregar à coordenação da escola? Explique.

6) Como você avalia o seu plano de aula?

7) Você segue realmente o seu plano de aula? Por quê?

8) Quais as dificuldades que você possui para elaborar e desenvolver o seu plano de aula?
